

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

25 de Abril de 2006

O trabalho de digitalização de documentos históricos do marxismo e das experiências revolucionárias de outros povos do mundo continua no seio do nosso partido. Desta vez, temos a honra de incorporar uma nova figura de grande relevo histórico à nossa Biblioteca Marxista em Galego. Trata-se de Vo Nguyen Giap, lendário comandante da guerrilha independentista e socialista vietnamita que, após a derrota do colonialismo francês, e já como ministro da Defesa do Vietname do Norte, pela primeira vez na história derrotou o mais poderoso exército imperialista mundial.

Assinalado como um dos maiores estrategas militares da história, figura viva da Revolução Vietnamita e ex-ministro da Defesa do Governo revolucionário do Vietname, reformado voluntariamente em 1982, Giap nasceu em 1912, entrando a militar bem novo no Partido Comunista e participando na primeira vitória que em 1945 permitiu a proclamação da República Democrática do Vietname.

Como comandante em chefe do Exército Popular vietnamita, dirigiu a partir de 1946 a nova fase da guerra de libertação nacional, derrotando o colonialismo francês na célebre campanha de Dien Bien Phu.

Posteriormente, foi a vez dos EUA, que invadiram a metade sul da nação asiática a partir de 1965. Quatro presidentes ianques foram sucessivamente incapazes de derrotar o povo vietnamita em armas, e 57.690 soldados norte-americanos morreram até o Pentágono ver-se obrigado a admitir a derrota e abandonar o país, unificando-se o Viet Nam sob direção comunista. O papel militar de Giap na vitória popular vietnamita é indiscutida, bem como o seu compromisso patriótico e revolucionário na construção do socialismo no Viet Nam.

A incorporação de um dos seus textos de temática político-militar à nossa Biblioteca Marxista em Galego quer ser a nossa pequena homenagem a Giap e ao povo trabalhador vietnamita. Trata-se da primeira edição digital desta obra pendurada na internet, ao menos numa língua ocidental. É, portanto, motivo de orgulho para nós que seja a Galiza o primeiro país e o galego-português a primeira língua que serve para a divulgação na rede da obra deste grande revolucionário, graças mais uma vez ao trabalho dos e das camaradas de Primeira Linha.

NASCIMENTO DE UM EXÉRCITO

Vo Nguyen Giap

1. Cao Bang: Ho Chi Minh volta ao seu país

O movimento revolucionário implantou-se rapidamente na província de Cao Bang. A partir de 1929, a Associação da Juventude Revolucionária contava aí vários grupos. Mais tarde, quando o Partido Comunista Indochinês foi criado, Cao Bang também teve as suas células. As organizações de base do Partido conseguiram manter-se lá, apesar do terror branco, até a época da Frente popular, em que a chama revolucionária se apoderou das massas. O Congresso Nacional do Partido foi saudado com diversos comícios, enquanto os mineiros de Tinh Tuc davam o sinal de lutas reivindicativas. Quando estalou a Segunda Guerra mundial, os colonialistas franceses cedêrom, em toda a linha, perante os fascistas japoneses, mas lançárom o melhor das suas forças contra o movimento revolucionário. Cao Bang conheceu a repressão. Os nossos quadros e os nossos militantes remetêrom-se à clandestinidade e conseguírom, no meio de enormes dificuldades, manter as organizações de base e sustentar o movimento.

Nessa hora crítica, o Presidente Ho Chi Minh chegou à região fronteiriça sino-vietnamita; encontrou-se lá com um pequeno grupo de emigrados, que incluía os camaradas Phung Chi Kien, Pham Van Dong, Hoang Van Hoan, Vu Anh e eu próprio. Depois do armistício de 1940, em França, o Tio To decidira que o essencial, para nós, era reentrar imediatamente no país, para tomar contacto com o Comité central e espalhar a nossa rede. O que se fijo. Nos primeiros tempos, acantonamo-nos, provisoriamente, em algumas localidades chinesas, próximas da fronteira. Era uma região por onde já passara o Exército vermelho chinês, que lá tinha efectuado um trabalho político muito eficaz. A população revelou-se acolhedora desde que soubo com quem tratava. Fijo mesmo todo para nos auxiliar.

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

Um certo número de quadros e militantes de Cao Bang -os camaradas Le Quang Ba, Hoang Sam, Bang Giap, etc...- tiveram de se refugiar na China, para escapar às perseguições. Tiveram a sorte de encontrar o Tio Ho, que decidira juntá-los ao nosso grupo, para completarem a formação política, antes de passarem a fronteira e irem estabelecer as primeiras bases da organização da Liga Viet Minh no país. Este curso político acelerado teve lugar numa aldeia chinesa, próxima da fronteira. O Tio Ho dedicou-lhe um cuidado metuculoso. Fijó-nos discutir o programa, que foi adoptado em comum. Dividiu, depois, a redacção de seis ou sete lições. Tínhamos, previamente, de compor o plano pormenorizado de cada uma destas exposições e submetê-lo à discussão colectiva, antes de o desenvolver por escrito. O texto definitivo devia ser reexaminado em comum, no decurso de uma reunião. O Tio Ho exigia que estas lições fossem adaptadas ao nível de massas: claras no conteúdo e simples nos termos. Estes cursos viriam a ser impressos, mais tarde, sob o título "O Caminho da Libertação".

Este primeiro curso de formação política da Liga Viet Minh foi um grande sucesso. Estava-se na véspera da Festa do Tet (Ano Novo lunar. Os militantes franquearam a fronteira, com uma confiança transbordante. Depois do Tet, foi a vez do Tio Ho voltar ao país. Estabeleceu o seu P.C. Na gruta do Pac Bo, no seio de um maciço montanhoso, de dois a três quilómetros de largura por cinco ou seis de comprimento, a um quilómetro apenas da fronteira. As minorias Nung, que povoam esta região, disseminam-se em minúsculos aglomerados empoleirados no flanco das montanhas ou aninhados nos vales que elas formam. Nem faltava pitoresco ao sítio, com os seus talhões dos arrozais, encas-toados na selva espessa, e as montanhas abruptas. Uma vegetação luxuriante mascarava quase completamente a entrada da caverna: mesmo de perto, era difícil dar por ela. Muito profunda, esta caverna encerrava um riacho encantador, cujas águas formavam, a pouca distância, uma pequena bacia, como que um lago miniatural. O riacho seguia o seu curso através de uma profusão de rochedos caprichosos, onde grossas estalactites mergulhavam sobre blocos enormes, arredondados pela erosão. Era para lá que o Tio Ho se dirigia, dia após dia, para trabalhar, a menos que não fosse dar um curso político em qualquer aldeia dos arredores. Para as refeições, voltava à gruta. Reinava lá um frio cortante; à noite, felizmente, era possível, serem risco de se ser descoberto, acender uma pequena fogueira.

O Tio Ho, que ligava uma importância extrema à vigilância, diligenciava sempre que cada um de nós guardasse um segredo absoluto sobre todo o que dizia respeito ao P.C. Ao menor indício de perigo, dava imediatamente ordem de mudar de lugar. Uma vez, mandáram-nos dizer que o inimigo enviara espiões para a região. O nosso P. C. mergulhou, acto contínuo, ainda mais profundamente na floresta. A nova localização oferecia uma grande segurança. Para a atingir era preciso subir um curso de água, atravessar algumas cascatas e escalar diversas escarpas. A sede do P.C. Nem passava de uma cabana bem escondida, sob uma profusão de lianas e de grandes raízes. Infelizmente, era tão sombria, mesmo em pleno dia, que, para trabalhar, tínhamos de preparar ao alto da montanha. Mais tarde, sempre por precaução, o nosso P.C. mudou-se para outra gruta, extremamente exígua, que mal podia abrigar três ou quatro camas. Nos dias de grande chuva, as serpentes e outros animais faziam-nos companhia.

Esta vida de clandestinos acoitados era extremamente dura. Para conservar uma boa saúde, condição primordial de um bom trabalho, o Tio Ho observava regras muito estritas. Levantava-se muito cedo. Todos os dias era ele, invariavelmente, quem nos acordava. Fazíamos, em conjunto, alguns movimentos de cultura física; depois começava o dia de trabalho. À noite, carecidos de petróleo para os candeeiros, reuniamo-nos em volta de umas achas a arder. As horas das refeições eram também escrupulosamente respeitadas, mas o passadio era bem escasso. A nossa ementa só de longe em longe comportava um pequeno prato de carne, que tínhamos baptizado de "carne à Viet Minh"; eis a receita: um quarto de carne grelhada, cortada e passada, e três quartos de sal grosso. Algumas vezes, organizávamos uma pescaria para melhorar o rancho.

Bebíamos água da fonte, passada por um filtro improvisado, feito de carvão, calhaus e areia. Apesar destas precauções, ninguém escapou ao paludismo. O Tio Ho sofria frequentemente ataques de febre. No momento das crises, recusava repousar, apesar das

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

nossas instâncias, e continuava a presidir às reuniões.

Mais tarde, quando o movimento tomou envergadura, o nosso P. C. deslocou-se para Lam Son, perto de Nuoc Hai, no fundo de um vale encastado numha cadeia de montanhas, de acesso extremamente difícil.

Chamávamos a esse lugar o "Blockaus vermelho", porque estava rodeado de montanhas avermelhadas e servia há muito tempo de ponto de encontro dos revolucionários. O Tio Ho conservava sempre o mesmo modo de vida, todo simplicidade e frugalidade. A estadia nas grutas e na selva minara-lhe a saúde. Quando a situação evoluía favoravelmente, o abastecimento melhorava e a nossa vida material tornava-se quase satisfatória. Mas quando o inimigo intensificava a repressão, o nosso P. C. mergulhava mais profundamente na floresta e o abastecimento tornava-se difícil. Aconteceu-nos, mais que uma vez, refugiarmo-nos entre as minorias "Man Brancos" que, por carência de arroz, só se aumentavam de milho. Nós próprios, durante longos meses, comemos sopa de milho. A saúde do Tio Ho declinava visivelmente. Mas, durante toda esta permanência no Viet Bac, nunca o Tio Ho esteve tão doente como depois do golpe de força dos japoneses em 1945. Já tínhamos libertado umha vasta zona, que se alargava constantemente. Tínhamos descido com o Tio Ho de Cao Bang até Tan Trao. Era no mês de Julho de 1945, no período febril de preparação do Congresso nacional, decidido polo Comité central. O P.C., do comando provisório da zona libertada, encontrava-se instalado numha casa sobre estacas da aldeia de Tan Trao, perto de umha grande "figueira da índia", que haveria de ficar histórica. Eu era responsável pola permanência do P.C. O Tio Ho habitava umha pequena cabana aninhada no flanco da montanha, na proximidade da aldeia.

A longa marcha que o Tio Ho tivera de efectuar para ir de Cao Bang a Tan Trao devia-o ter esgotado. Caiu gravemente doente, após um período de grande abatimento; a febre nom o abandonara. A princípio, ainda podia engolir um pouco de sopa de arroz. Depois, foi ficando reduzido à farinha de arroz dissolvida na água. Algumhas vezes delirava. Ainda que a nossa provisom de medicamentos tivesse melhorado, só possuíamos, em última análise, alguns comprimidos de quinino e umhas ampolas de óleo canforado. Dia após dia, eu apresentava-me na cabana para fazer o meu relatório. O seu estado angustiava-me. Mas cada vez que me preocupava com a sua saúde, ele tranquilizava-me e insistia em que voltasse para o P. C., para dar andamento aos assuntos operantes. No sétimo dia da doença, encontrei-o pior. Despediu-me, como de costume, depois de eu apresentar o relatório. Pretextando que nom tinha qualquer assunto urgente à espera, insisti em ficar com ele. Sem dúvida que tinha consciência do estado em que se encontrava - aceitou. Durante a noite, acordou várias vezes, chamando-me de cada vez. Tivem a confusa percepção que me queria comunicar cousas capitais, antes que fosse demasiado tarde ...

Com a sua voz calma, destacando cada palavra, disse-me: "Neste momento, a conjuntura nacional e internacional é-nos extremamente favorável. O nosso Partido nom deve deixar passar a ocasião. Devemos tomar a direcção da luta nacional para a conquista da independência, custe o que custar, mesmo que toda a cordilheira vietnamita tenha de ser pasto de chamas." Interrompeu-se um momento para retomar fôlego e prosseguiu:

- Quando o movimento revolucionário ganha terreno, como hoje, é nessa altura, precisamente, que é necessário velar pola consolidação dos alicerces: reforçar ideologicamente os elementos seguros, formar os quadros, é preciso abrir cursos acelerados, a fim de formar a tempo os militantes locais e preocuparmo-nos particularmente em organizar células, de forma a poder manter o movimento nas horas críticas. Quanto à luta armada, desde que as circunstâncias se tornem favoráveis, será necessário prosseguir-la resolutamente e ampliá-la, sem esquecer a consolidação das bases, para fazer face a qualquer eventualidade.

Estas recomendações soavam como últimas vontades. Figem imediatamente um relatório pormenorizado sobre o estado do Tio Ho ao Comité central. Pedia, ao mesmo tempo, a todos os camaradas que consultassem a população local. Os velhos da aldeia acorrêrom em nosso socorro. Dérom-nos o endereço de um médico tradicional, reputado pola cura deste género

Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
“Nascimento de um Exército” / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006

www.primeiralinha.org

de febre. Nessa mesma noite enviou-se um emissário ao médico, que chegou no dia seguinte, de manhã. Tomou o pulso do doente e foi à floresta, onde desenterrou umha espécie de tubérculo. Mandou-o queimar e deitar as cinzas numha tijela de sopa de arroz, que obrigou o doente a engolir. O Tio Ho nom tardou em sentir-se melhor e, alguns dias depois, estava completamente restabelecido.

Pode-se calcular a nossa alegria. Mas nunca chegamos a saber o nome do tubérculo miraculoso que curou tam rapidamente o Tio Ho.

Voltemos agora a Cao Bang, na altura em que o Presidente permanecia em Pac Bo. Os camaradas Phung Chi Kien e Vu Anh já lá se encontravam. O camarada Lam (nome de guerra de Pham Van Dong), o camarada Li (nome de guerra de Hong Van Hoan) e eu próprio, em missom em Tsin Si (China), fazíamos a ligação entre esta cidade e Kuei Lin. íamos, freqüentemente, a Pac Bo para apresentar os nossos relatórios ao Tio Ho e receber instruções. De tempos a tempos, ele vinha ao nosso encontro, acompanhado do camarada Phung Chi Kien, num sftio situado a meio caminho entre Bac Bo e a nossa residência. Resistente como era, podia percorrer dezenas de quilómetros a pé, numha só tirada. Certa vez, encontrámo-lo, conforme o combinado, no nosso ponto de encontro, situado num mercado da China. Um dos nossos camaradas, que acabava de atravessar a fronteira, anunciou-lhe:

- O camarada X foi preso!

Sem parecer preocupar-se com a notícia, o Tio Ho convidou-nos para entrar numha locanda e mandou vir a refeição. Foi somente depois de ter comido que deu início à reunião projectada. Tomou a palavra, em primeiro lugar, dirigindo-se ao mensageiro:

- fai agora o teu relatório. Aconteça o que acontecer, nom se deve perder o sangue frio.

Todas as vezes que voltávamos ao P. C. Para encontrar o Tio Ho tínhamos sempre a sensação de estar em casa.

- O Partido, dizia ele muitas vezes, é a grande família dos comunistas.

Nas horas de impulso do movimento, os militantes que traziam consigo a ebulição febricitante dos órgãos de base encontravam junto dele a atmosfera serena, que lhes fazia lembrar imediatamente que a luita ainda seria longa. Nas horas sombrias, quando o inimigo semeava o terror entre a população em pânico, eles continuavam a encontrar nesse lugar, ao regressarem das respectivas missons, essa mesma atmosfera serena, da qual emanava umha confiança inquebrantável. Lição preciosa: nas horas tristes, nada de pessimismo, nas horas do triunfo, nada de optimismo eufórico. O Tio Ho conseguiu, maravilhosamente, comunicar-nos a sua própria e inabalável fé na vitória da revolução.

- Fazer a revolução, dizia ele, é um trabalho de largo fôlego, um trabalho que exige tenacidade e perseverança. Qualquer decisom pede madura reflexom e nom deve ser tomada de ânimo leve.

Nesta conformidade, em geral, à volta das missons, se nom havia solução urgente a tomar, observávamos a seguinte regra de trabalho: o Tio Ho punha o problema em debate e concedia-nos um determinado tempo de reflexom. Em seguida, tinham lugar o conselho e as discussons. As suas directivas eram sempre muito precisas e muito práticas. E quando, após minuciosas discussons, adoptávamos as resoluções finais, exigia que as realizássemos a todo o custo. Insistia também em controlar efectivamente o nosso plano de trabalho, qualquer que fosse a sua importância. Da minha permanência junto dele, retive este ensinamento: para fixar a linha da revolução é necessário ter umha noção do conjunto e de longe, mas, no momento de passar à execução, é preciso prestar umha grande atenção aos mínimos detalhes de ordem prática. Negligenciar os pormenores é comprometer as grandes linhas.

Assim que o P. C. se estabeleceu em Pac Bo, o Tio Ho deu imediatamente ordem para fazer

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

aparecer o Viet Lap (Vietname Independente). Este jornal saía clandestinamente umha vez por semana, em duas páginas de formato pequeno. Os artigos, curtos e simples, eram impressos em grandes caracteres, em litografia. Como os julgássemos demasiado curtos e demasiado simplistas, propusemos enriquecer-lhes o conteúdo e utilizar caracteres mais pequenos para melhorar a apresentação e aumentar o número dos artigos. Mas o Tio Ho tomou a defesa da preferência por artigos curtos, em caracteres grandes. Com a experiência, nom tardamos a constatar a eficácia do Viet Lap no nosso trabalho de propaganda e organização. A influência do jornal nom provinha só da justeza da linha política mas também da simplicidade da forma: a primeira condição para despertar a consciência das massas e fazê-las progredir era abordar os problemas que as tocassem profundamente, em termos que elas pudessem compreender.

Com a continuação, o jornal fijo progressos, apareceu com quatro páginas e melhor apresentação. Estava destinado a alcançar um grande sucesso junto da população.

O Tio Ho ligava umha grande importância à formação ideológica dos quadros. Traduzira para vietnamita a História do Partido Comunista (bolchevik) da U.R.S.S. Ele próprio dactilografara esta tradução em alguns exemplares, que nos serviam como documentos para os nossos estudos.

Ele continuava, todavia, em estreito contacto com a população local; ia frequentemente visitar os velhos e ensinar a ler os mais jovens. Gostava muito de crianças. Com a sua veste anilada, à moda das minorias "Tho", poderia ser tomado por um camponês da região. O povo chamava-lhe respeitosamente "ong ke", qualificação reservada aos anciãos da aldeia.

No mês de Março de 1941, o Tio Ho presidiu, em Pac Bo, à 8.ª Conferência ampliada do Comité central- Esta reunião viria a tomar decisões históricas. Ao definir a linha do Partido, ela fijo da libertação nacional o objectivo n.º 1 para todo o povo. Decidiu igualmente a organização da Liga para a Independência do Vietname (Viet Minh) e escolheu as duas bases de Bac Son-Vu Nhai e de Cao Bang, como centros de preparação para a insurreição armada no Viet Bac.

2. O movimento arma-se

Com o andar do tempo, as nossas actividades na China foram assinaladas polos agentes do Kuomintang. Recebemos ordem de regressar ao país para umha nova missão.

Nos fins de 1941, eu e o camarada Tong (um dos pseudónimos de Pham Van Long) atravessamos a fronteira. O movimento em Cao Bang estava bem lançado, em muitos outros sítios começava a despontar apenas.

A Liga Viet Minh atingia já numerosos distritos. As minorias Trio e Nung aderiam com entusiasmo às Associações para a salvação nacional. Rapazes e raparigas constituíam-se em vanguarda, tanto para a propaganda e organização como para o treino militar. As mulheres nom eram as menos resolutas. Em numerosas regiões as crianças também se alistavam e serviam como agentes de ligação ou como vigias. As células do Partido ganhavam terreno nas comunas, onde o movimento era particularmente poderoso. Algumas comunas, a cem por cento, começaram a aparecer a pouco e pouco, mais tarde cantões e distritos.

Nessas comunas, o Comité Viet Minh substituíam-se inteiramente às autoridades legais para dirigir todos os assuntos, desde a celebração dos casamentos até às querelas por causa dos arrozais. A maioria dos notáveis aliavam-se à nossa causa, uns por simpatia com o movimento, outros militando abertamente no seio das associações para a salvação nacional. Os raros elementos reaccionários que sobravam, encontravam-se politicamente isolados e sob estreita vigilância. Estabelecia-se na base umha espécie de poder de dupla face: os notáveis, antes de irem ao distrito ou à província, vinham pedir as directivas ao Comité Viet Minh e, mal regressavam à aldeia, apresentavam-lhe um relatório pormenorizado.

Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006

www.primeiralinha.org

Passava-se o mesmo com os milicianos. Na sua maioria, estavam aglutinados por nós, se é que nom eram mais ou menos simpatizantes. Para travar a escalada revolucionária, as autoridades superiores tinham dado ordem de reforçar a vigilância aos escalons subalternos. Cada aldeia possuía dous a três pontos de guarda. Mas como os milicianos e a população local estavam do nosso lado, os postos de guarda do inimigo tornavam-se, de facto, os nossos próprios postos, e um certo número deles servia de passagem nas nossas lides clandestinas de ligação.

O movimento atingira igualmente as alturas habitadas pola minoria dos "Man Brancos". Estes montanheses viviam umha vida das mais miseráveis, em regions áridas, dificilmente acessíveis. Estas montanhas escarpadas eram escaladas por raras veredas, muito acidentadas. Os Man, sob a pressom dos colonialistas franceses e dos seus lacaios, mandarins e notáveis, só esperavam umha ocasiom para se revoltar. Manifestaram umha intensa alegria quando vírom pola primeira vez quadros do Viet Minh. Ficaram impressionados ao ver os Kinh, os Tho e os Man, que a política colonialista francesa tinha lançado, outrora, uns contra os outros, unirem-se fraternamente assim que passavam a militar no seio das associações para a salvação nacional. A organização do Partido eclodiu rapidamente entre eles.

A uniom nacional era um dos traços mais vincados do movimento. Logo nos primeiros dias da luita clandestina, em Cao Bang, organizámos, com êxito, vários encontros amigáveis entre os delegados das diferentes minorias Tho, Man, Mung, Kinh, Chinesa, etc. Algumas delegações de Man tinham efectuado visitas de cortesia no vale. Todas recebêrom um acolhimento caloroso por parte da população local. De volta, essas delegações relatavam fielmente as suas impressons de viagem aos compatriotas. Periodicamente, nos vales e nas terras altas, organizávamos pequenas exposições de fotografias e gravuras sobre os crimes dos colonialistas franceses e dos fascistas japoneses e sobre a escalada das forças revolucionárias. Nessa ocasiom, mostrávamos as armas e a bandeira da Revolução e dávamos-lhes a conhecer a U. R. S. S. e a revolução mundial.

Algum tempo depois, o Comité provincial de Cao Bang foi reorganizado. No princípio de Novembro de 1942, tivo lugar o Congresso da Liga Viet Minh de Cao Bang, no decurso do qual foi eleito o Comité provincial. O aparelho de organização da Liga estava a postos, doravante, do escalom da comuna ao da província, passando polo cantom e polo distrito. Nos cantons e distritos "a cem por cento" organizárom-se eleições democráticas a partir do escalom comunal. Após o que se formou o Comité interprovincial de Ca-Bac-Lang (províncias de Cao Bang, Lang Son e Bac San).

Ligávamos a maior importância à educação política, para disseminar o movimento.

- É preciso primeiro conquistar o povo, dizia o Tio Ho, antes de abordar o problema da insurreiçom.

Para alargar e consolidar as organizações de base, abriram-se numerosos cursos de formação política acelerada nos diversos distritos. Mas os militantes de base gostavam pouco de abandonar as suas vilas e aldeias: isso prejudicava os trabalhos nos campos, sem contar que se arriscavam a ficar "queimados". Para superar estas dificuldades, os "instrutores" foram organizados em equipas móveis. Cada localidade tinha de preparar um centro clandestino, fonge da aldeia, onde os militantes fossem, por turnos, com víveres, para seguir cursos, durante cinco a sete dias. Ao fim de um certo tempo, quase todos os militantes das aldeias tinham passado por estes estágios. O Comité interprovincial decidiu abrir novos cursos a nível superior destinados a receber rapazes e raparigas que nom fizessem parte dos Comités executivos das organizações de base. Eram numerosos os elementos de confiança que, nas associações para a salvação nacional, pediam para frequentar estes cursos. No final de cada estágio, invariavelmente, organizávamos umha pequena festa de amizade, para a qual eram convidados os delegados de todas as camadas da população: cantava-se, dançava-se, hauriam-se novas forças para as tarefai futuras.

O Tio Ho ensinava directamente aos militantes e, às vezes, aos camponeses, na vizinhança

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

do P. C. Os militantes locais, à parte um pequeno número, não conheciam a língua vietnamita. As mulheres, sobretudo, ignoravam-na completamente. O Tio Ho recomendou-nos, portanto, com a maior instância, que aprendêssemos o Tho. Com os Man Brancos tínhamos mesmo de recorrer ao desenho para fazer compreender as nossas ideias. Para fazer compreender que franceses e japoneses exploravam o nosso povo, representávamos um francês e um japonês batendo um vietnamita ou um camponês esmagado sob o peso dos impostos e dos trabalhos. Desenhávamos também um Kinh, um Man e um Tho caminhando de mão dada, para sublinhar a necessidade da união nacional contra o invasor. Só mais tarde é que as minorias Man tiveram a sua própria escrita. O conteúdo destes cursos era muito simples: depois da exposição sumária da situação nacional e internacional, nós explicávamos por que razão devíamos travar a luta contra os franceses e os japoneses; falamos depois da preparação para a insurreição armada, da organização das associações para a salvação nacional, dos destacamentos de autodefesa, e, por fim, dos cinco pontos do trabalho clandestino. Ensinávamos, assim, a maneira de presidir às reuniões, de usar da palavra em público, etc. ...

Eu era responsável por um desses grupos de instrutores. O nosso campo de actividades estendia-se sobre as regiões de Hoa An e Nguyen Binh, povoadas de minorias Man Brancos. Todos estes cursos políticos obtiveram um grande sucesso. Aconteceu-me, todavia, um acidente de que sempre me recordarei. Julguei proceder bem, explicando aos militantes, fora do programa habitual, as quatro contradições da conjuntura internacional. Depois da última lição, um dos melhores elementos, a que dávamos o nome de De Tham, levantou a mão para pedir a palavra:

- Pido-lhe que me autorize a retirar-me da Associação.

- Mas então porquê, camarada?

- Eu estou pronto para fazer na Liga todo o que me for pedido. Mas esses estudos são muito difíceis. Não consigo meter todo isso na cabeça e tenho receio de não estar à altura.

Eu acabava de receber uma boa lição: tinha-me esforçado por compor um programa de fácil compreensão, que correspondesse ao nível dos meus alunos, e eis que o camarada De Tham pedia para nos abandonar, porque eu tinha acrescentado ao meu curso... as quatro contradições...

Por fins de 1941, o Tio Ho deu ordem, de Pac Bo, para organizar o primeiro destacamento armado de Cao Bang. O grupo compreendia os camaradas Hoang Sam, Bang Giang, Le Tie Thung, Duc Thanh, Tho An, etc..., sob o comando do camarada Le Quang Ba. O destacamento tinha por missão assegurar a protecção do P. C, consolidar e manter a rede de comunicações, ao mesmo tempo que participava na formação militar dos milicianos de autodefesa e dos milicianos de choque.

Nas regiões conquistadas pelo movimento revolucionário, a população, que aderiu em massa às associações para a salvação nacional, organizou entre os jovens alguns destacamentos de autodefesa. O problema da formação militar punha-se imperiosamente. De todos os lados se reclamavam quadros militares, de que carecíamos cruelmente. Aqueles de entre nós que possuíam alguns rudimentos tiveram, portanto, de participar nesse trabalho. Tal foi o caso dos camaradas Triet Hung, Le Quang Ba, Hoang Sam e Cap. Foi preciso pensar em escrever umas brochuras. O Tio Ho redigiu um texto sobre a tática de guerrilha, em termos simples, fáceis de compreender. O Comité interprovincial, por sua parte, deu ordem para compor o programa de formação militar e decidiu adoptar instruções unificadas. Não era uma tarefa fácil, porque era inteiramente nova para nós. Quando, por falta de prática de comando, o simples facto de escandir "um, dois" embaraça os monitores, que dizer então da tropa?

O movimento do treino militar tomou um grande impulso. Cada período durava de cinco a sete dias, sempre que os trabalhos do campo o permitiam. Assim que as organizações de autodefesa recebiam todas as instruções militares, levantavam-se destacamentos de

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

autodefesa e de assalto, cujos membros foram escolhidos entre os milicianos mais corajosos. Pode-se dizer que nas aldeias "a cem por cento" todos os jovens, praticamente, entraram nas formações de autodefesa e seguiram um ou mesmo dois períodos de treino. Cada aldeia contava uma ou duas secções de autodefesa e de assalto, bem organizadas e bem treinadas.

Ao mesmo tempo, o Comité interprovincial organizava cursos para formação de quadros militares. Estes cursos duravam, em geral, um mês, com cinquenta a sessenta alunos em cada promoção.

Apesar de todos os entraves nascidos do próprio facto da clandestinidade, as escolas edificadas na floresta não eram isentas de envergadura. Qual não foi a estupefacção do inimigo quando conseguiu descobrir a localização da escola militar da terceira promoção do cantão de Kim Ma; encontrou grandes edifícios, cobertos de folhas de palmeira, bastante vastos para abrigar centenas de pessoas. Não faltava nada: anfiteatro, dormitórios, refeitórios, salas de armas, terrenos de exercícios de cinquenta, sessenta lances... No fim de 1943, na região de Nuoc Nai, no distrito de Hon An, pôde-se assistir em pleno dia a revistas de tropas e a manobras que compreendiam quatrocentos e quinhentos combatentes, às vezes mesmo mil, numa região que englobava vários cantões. Este rápido crescimento das Forças Armadas traduz bem o ambiente entusiástico que preludia a insurreição geral.

O abastecimento de armas e munições punha um problema de não menor gravidade. Cada miliciano da autodefesa devia arranjar a sua própria arma: sabre, punhal, carabina de caça ou espingarda. Em certos sítios, era a própria população que, através de pediteiros, comprava na China mosquetes de fabrico local. Cada miliciano também se devia munir com um rolo de corda para se treinar na captura dos traidores. O Comité interprovincial decidiu instalar uma forja para experimentar fabricar granadas e minas. Esta oficina, colocada sob a responsabilidade do camarada Cap, agrupava cinco ou seis operários. As matérias-primas eram fornecidas pela população local), que enviava pratos de cobre, marmitas de ferro fundido ou bacias de folha. A escolha de localização foi delicada: decidimo-nos, por fim, por um vale encaixado atrás da cadeia do Blockhaus Vermelho, o que abafava os ruídos dos martelos na bigorna. Depois de alguns meses de experiências arrasantes, a primeira mina viu a luz do dia. Na experiência, cada uma das partes que a constituía, tomada separadamente, revelou-se plenamente satisfatória. No dia J. os camaradas Vu Anh e Tong convidaram-me para vir ver explodir a mina. O local escolhido era próximo da forja, num circo de altas falésias rochosas. A mina foi colocada numa cavidade, no sopé da montanha, enquanto que os espectadores se instalavam nos cumes, atrás de grandes rochedos, para se proteger dos estilhaços. Uma corda de cem metros comandava a explosão. Nós esperávamos, com o coração palpitante. O camarada Cap gritou: "Fogo!" Nós tínhamos os olhos fixados na mina. Libertou-se um pouco de fumo... depois, mais nada... Nem a menor explosão.

Um camarada das minorias Tho desatou a rir e gritou no seu dialecto: "Te nang du Ty" (continua sentada no sítio).

Assim falhou o nosso primeiro ensaio.

Mas o camarada Cap não se desencorajou. Continuou encarniçadamente as pesquisas e acabou por conseguir.

Esta famosa forja funcionou até à Revolução de Agosto e foi ampliada com o andar do tempo: tornou-se a oficina de armamento Sam Lon, que prestou imensos serviços durante a resistência, fornecendo regularmente a frente com armas e munições. A forja do Blockhaus Vermelho foi, por assim dizer, a nossa primeira oficina de armamento.

3. A marcha para o Sul

Desde o seu regresso ao país, na região fronteiriça, o ti Ho preocupava-se constantemente

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

em conservar o contacto com o Comité Central que se encontrava no delta. Quando a oitava Sessão do Comité Central decidiu a formação de duas bases revolucionárias no Viet Bac, a ligação entre Cao Bang e a região de Bac Son-Vu Nhai tornou-se uma necessidade imperiosa.

Além da nossa rede de ligação clandestina, era-nos necessário urgentemente organizar entre Cao Bang e o delta outras numerosas ramificações nas populações locais. Assim, em caso de repressão, poderíamos conservar o contacto e preservar as possibilidades de contra-ataque.

Para estabelecer a ligação em direcção do delta, tínhamos de passar por regiões habitadas pelos Tho e os Man de sapecas". Começamos um trabalho de agitação entre estes últimos. Tal como os Man Brancos, os Man de sapecas são honestos e leais. Também eles estavam saturados com o imperialismo e prontos para a insurreição. A hospitalidade e a ajuda mútua eram de tradição entre eles. Entusiasmáramo-nos com a ideia de se juntar numa liga para expulsar os colonialistas e fascistas, mas só concediam a sua confiança após a prestação de um juramento solene, segundo os ritos tradicionais. Para lhes provar a nossa boa fé, tomamos parte nessas cerimónias. Juramos sobre as nossas cabeças unirmo-nos como irmãos no seio de uma mesma família para expulsar das nossas aldeias os japoneses e os franceses, em nome da Pátria, segundo o programa da Liga Viet Minh; juramos conservarmo-nos solidários nos momentos mais críticos e nunca trair a Liga, nem mesmo sob a tortura. Para selar os nossos juramentos, mergulhámos um pau de incenso aceso na água ou cortávamos a cabeça de um frango com um golpe seco de machete.

A partir da altura em que o movimento assumiu maior envergadura, o inimigo desencadeou a repressão. Unidades de Ngan Son, Nguyen Binh e Cao Bang subiram até ao cume de Kim Ma, que cercaram. Bloquearam todas as vias de comunicação, estradas e pistas, para dar caça aos militantes e deitar a mão aos nossos serviços clandestinos. Pelo meu lado, eu estava em vias de abrir um curso político com o camarada Thiet Hung e, ainda por cima, sofria de uma crise de paludismo. A população aconselhou-nos a abandonar a região: "Desta vez é uma grande operação. A tropa chegou até aqui para os prender, seria melhor suspenderem por um momento as actividades da liga e retirarem-se para a floresta." Assim que soubéramos a notícia, o Tio Ho e o Comité inter-provincial enviáramo-nos emissários para que voltássemos ao P.C., mas nós pensamos que, em tais circunstâncias, a nossa partida acarretava o desmembramento das organizações de base. Pedimos para ficar.

No mesmo dia, o inimigo entregou-se a uma caçada sem quartel. Guiados pelos camaradas Khan e Lac, marchamos em linha recta, sob uma chuva diluviana, através da selva e dos campos, evitando as pistas, durante uma noite inteira. Até de manhã, escalamos cristas e galgamos encostas. De madrugada, o nevoeiro era tão espesso que não se via a mais de três metros. Pelo meio da manhã, quando a neblina se levantou, encontramos-nos no alto de um cabeço escaldado, nas proximidades de uma aldeia que os atiradores repescavam casa por casa. Deitamo-nos de barriga para baixo e rastejamos durante mais de um quilómetro para atingir a orla da floresta, onde retomamos a marcha. Ao meio dia, estávamos esgotados, ao ponto de não conseguirmos pôr um pé adiante do outro, e foram os camaradas da região que, tomando-nos pela mão, nos fizeram marchar até ao crepúsculo. Nessa altura, tínhamos atingido o local previsto, no cume de uma montanha muito elevada. Após a construção, à pressa, de uma cabana para nos abrigar, arquitectamos um plano para retomar contacto com a população e dirigir a acção contra a repressão.

Depois desta marcha movimentada, eu e o camarada Thiet Hung fomos abalados pela febre durante dois meses e meio. Como medicamento, só tínhamos infusões de raízes "cu ao". Alguns dos nossos militantes, inquietos pelo nosso estado de saúde, revestiram a túnica anilada das minorias Cho para ir implorar ao feiticeiro a nossa cura. Mas que podia o feiticeiro? Tivemos de esperar que a ligação fosse restabelecida. O camarada Cap, que veio do P.C. para retomar o contacto conosco, trouxe-nos alguns comprimidos de quinino que nos aliviaram.

Na realidade, esta busca ainda não passava de uma operação de pequena envergadura.

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

Mas como era a primeira na região, não deixou de nos causar sérias dificuldades. O movimento conheceu um recuo durante um certo tempo. Todavia, a propaganda e os cursos políticos continuavam. Depois, todo retomou. As associações para a salvação nacional, as organizações de autodefesa tinham-se retemperado na provação. No vale de Kim Ma, ressoou novamente o eco entusiástico dos comícios, preparando a insurreição. Depressa foi convocada a primeira Conferência dos Delegados das Minorias Man, que decidiu a criação da zona Quang Trung. O movimento retomara o seu fôlego. Por ocasião do aniversário da Revolução de Outubro, os representantes dos cantões de Nguyen Binh e Ngan Son efectuaram uma conferência preparatória com vista à insurreição armada, com a participação de alguns trezentos delegados e de uma dezena de destacamentos de choque que fizeram uma demonstração militar.

Para facilitar a nossa propaganda, pusemos em verso o programa da Liga Viet Minh. Eu traduzi-o, igualmente em verso, para o dialecto dos "Man de sapecas" e dos Man Brancos. Adaptamos novas letras sobre árias folclóricas para exaltar a revolução. O programa da Liga pro-pagava-se, assim, muito rapidamente e penetrava em profundidade nas massas. Ao chegar a uma aldeia que tínhamos ganho para a nossa causa, tive um dia a surpresa de ouvir raparigas e crianças recitar de cor os versos do programa da Liga, ao mesmo tempo que pilavam o arroz e cerdavam o algodão.

Quanto mais terreno a "marcha para o Sul" ganhava, mais quadros exigia. Correspondendo ao apelo do Comité interprovincial, uma centena de rapazes e de raparigas de Cao Bang abandonavam os seus lares para formar grupos de assalto armados. Arranjaram, pelos seus próprios meios, armas, mosquetes ou granadas. O camarada Thiet Hung possuía um revólver caprichoso que falhava um tiro em cada dois. Quanto a mim, tinha uma granada fora de uso que pendurava do cinturo: um apoio moral nunca é para desprezar. Em estreita cooperação com os militantes locais, os grupos de assalto armados repartiram-se em diversas formações que se dirigiram para o sul em missões de propaganda. O grupo de assalto encarregado de dar início à operação partia em primeiro lugar.

Contactava os militantes locais para um trabalho de inquérito e de propaganda e depois levantava organizações de base. Vinha depois o grupo encarregado de consolidar os primeiros resultados. Fazia a escolha entre os simpatizantes dos elementos seguros e abria em sua intenção cursos políticos acelerados. Os quadros assim formados tornavam-se o fulcro da expansão do movimento.

Para acelerar o trabalho, em lugar de abordar simplesmente as aldeias pela ordem topográfica, dávamos às vezes um salto em frente. Quando as condições o permitiam, não hesitávamos em enviar para longe um grupo de assalto, que se deslocava clandestinamente, para ir organizar uma aldeia onde as massas já estivessem mais ou menos consciencializadas. Este grupo alargava-se e estabelecia, pouco a pouco, o contacto com as antigas bases. Baptizamos este método de "táctica de paraquedismo".

No decurso da nossa marcha para o Sul, aconteceu-nos um incidente que merece ser relatado:

Acompanhando os progressos do movimento, eu descera, pouco a pouco, do cantão de Kim Ma até Agan Son para controlar o trabalho e abrir cursos de formação para os quadros regionais. Estava sobre uma montanha, nas proximidades da capital do distrito de Ngan Son, quando recebi uma carta urgente do camarada Tong: convocação imediata para o P. C. Voltei à pressa para Cao Bang. Assim que cheguei, os camaradas Tong e Vu Anh anunciaram-me que o Tio Ho tinha sido preso durante uma missão na China e que acabava de morrer de doença na prisão.

Eu estava a cem léguas de esperar uma tal notícia. todo começou a girar à minha volta. O Tio Ho já não existia! Que perda para o nosso Partido, para o nosso povo! Discutimos a redacção de um relatório para informar o Comité Central e a organização de uma cerimónia em sua memória. O camarada Tong ficava encarregado de pronunciar a oração fúnebre. O camarada Cap trouxe a mala de verga do Tio Ho, onde pensávamos encontrar

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

alguns objectos para conservar como recordaçom. Projectamos também enviar o camarada Cap à China para tentar localizar o túmulo.

Alguns dias mais tarde, eu retomava o caminho para continuar a minha missom. Nunca esquecerei aquela noite em que, em companhia de um camarada de "marcha para o Sul", atravessei montanhas desertas, cobertas de capim. Fazia um frio cortante. Comprimia-me umha tristeza infinita. Sentia-me como que abandonado. De lágrimas nos olhos, olhava as estrelas na imensidade do céu.

Aigum tempo depois, recebemos um jornal enviado da China. À margem, algumas linhas em caracteres chineses. Eram do punho do Tio Hol

"Para todos, boa saúde e muita coragem no trabalho. Aqui, todo vai bem".

Seguiam alguns versos:

"As nuvens abraçam os montes
os montes estreitam as nuvens
O rio é um espelho que nada embacia
Sobre a crista dos montes do Oeste
Solitário, caminho, emocionado
Perscruto, ao longe, o céu do Sul
E penso nos meus amigos."

A nossa alegria foi inenarrável.

Fomos mostrar o jornal ao camarada Cap:

- Entom, que quer isto dizer?

- Eu mesmo nom percebo nada, respondeu-nos ele. Foi o próprio governador de Kuomintang que me anunciou, quando eu estava na China, que Nguyen Ai Quoc tinha morrido.

Nós pressionávamos Cap com perguntas:

- Tenta lembrar-te. Que disse ele exactamente em chinês?

Cap acabou por se recordar: o governador chinês, ao falar do Tio Ho, pronunciara as palavras "su lo, su lo" que significam "bem, bem" mas o nosso camarada tinha-as interpretado mal porque basta umha mudança no acento tónico da primeira palavra para que a expressom signifique "já morto, já morto".

Fomos sacudidos por um louco ataque de riso. Mas o facto é que tínhamos carregado este peso no coração durante meses e meses.

Por volta de Agosto de 1943, a estrada para o Sul estava aberta. Foi essa que tomei para me dirigir ao delta, a fim de lá encontrar o camarada Ba, isto é, Chu Van Tan.

Tínhamos conseguido organizar as massas num sector bastante vasto. A nossa pista atravessava várias cadeias de montanhas e diversos vales, ao passar polas aldeias das minorias Tho, "Man de sapecas" e Man vermelhos.

Por toda a parte, à minha passagem, reinava umha atmosfera febril de preparativos para a insurreiçom. O moral da populaçom era excelente. As minorias Tho, tal como as minorias Man, estavam ganhas para a nossa causa. Elas reservavam aos revolucionários um acolhimento dos mais calorosos. Todas as aldeias Man que se escalonavam na estrada em direcçom ao cume do Monte Phia Booc (um dos cumes mais elevados da regiom, no qual nom cessa de chuveiscar, ao longo de todo o ano, mesmo quando fai bom tempo no vale) trabalhavam para o Viet Minh; as mulheres e as crianças sabiam de cor os versos do

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

programa da Liga em língua Man, bem como várias canções revolucionárias. Quando os denunciadores subiam até lá, a população fazia todo para esconder e proteger os revolucionários. Não hesitava mesmo, em caso de necessidade, em nos arranjar esconderijos seguros sob o próprio altar dos gênios tutelares, que são lugares absolutamente tabus para os estrangeiros.

Depois de quinze dias de marcha, cheguei perto de Cho Chu por um carro montanhoso que passava por cima do posto de Coe. Mais alguns passos e estaria no ponto de encontro. Encontrei o camarada Chu Van Tan num "ray", em plena selva. Torna-se inútil relatar a nossa alegria! Convocamos imediatamente um certo número de quadros de Bac Son que se encarregavam da agitação no local e outros da marcha "para o Sul" para uma troca de impressões. Seguidamente, organizamos uma festa íntima; quando a noite caiu, dormimos ao ar livre sob as folhas da latânia.

O camarada Tan traçou-nos um quadro da situação em Thsi Nguyen e no delta. As nossas organizações de base tinham-se implantado fortemente em Bac Son e Vu Nhai e o movimento ganhava as regiões de Cho Chu e Dai Tu. O inimigo prosseguia na sua política de repressão. O camarada Tan contou-nos ainda que tinha sido enviado um relatório ao Comité Central, que nos ia enviar imediatamente um dos seus membros. Anunciavam-nos a sua chegada iminente para cada dia; mas decorreram duas semanas sem que o vissemos aparecer. A repressão era tão intensa que nenhuma pista se revelava segura. Tive de voltar para Cao Bang, tal como fora previsto a princípio. Eu tinha aproveitado estes dias de espera para escrever uma brochura sobre "A experiência da Liga Viet Minh no Viet Bac", destinada a ser enviada para o delta.

Cheguei a Cao Bang, na véspera da festa do Têt. No último dia do ano lunar, a maioria dos quadros e uma vintena de destacamentos de assalto armados da "marcha para o Sul" reuniram-se para festejar os nossos sucessos. A Liga Viet Minh e a Federação do Partido em Cao-Bac-Lang enviaram-nos um galhardete que trazia bordadas as palavras "Assalto vitorioso".

Nesse preciso momento, o inimigo desencadeava o terror branco.

4. O terror branco em Cao-Bac-Lang

Durante os anos de 1942-1943, o movimento da Liga Viet Minh tomara, nas províncias de Cao-Bac-Lang, uma envergadura sem precedentes.

Três dos nove distritos do Cao Bang eram "distritos a cem por cento" (Ha Quang, Hoa An e Nguyen Binh) e tínhamos, aliás, bases por toda a parte. No Bac Can, o movimento estendera-se a quatro distritos. Do lado de Lang Son, já atingia That Khe. E era particularmente forte nas regiões Man, particularmente entre os Man Brancos, na região de Thien Thuat, e entre os "Man de sapecas", na zona Quang Trung.

Eis algumas cifras, por exemplo, em relação ao distrito de Ha Quang, cuja população muito disseminada é constituída na sua maior parte por minorias Nung. Em 1941 havia 1.053 membros das Associações para a Salvação Nacional; em 1942, eram 3.096, dos quais 1.049 eram elementos de confiança, aos quais se juntavam 235 milicianos de autodefesa e de assalto; nessa data, o distrito tinha organizado seis cursos de formação política e três cursos de formação militar acelerada. Em 1943, toda a população tinha aderido às Associações para a salvação nacional, havia 1.004 milicianos de autodefesa e de assalto repartidos em 15 destacamentos; o distrito tinha aberto onze cursos de formação política e 26 cursos de formação militar, e a população criara dez escolas de alfabetização.

Uma grande parte dos rapazes e das raparigas participava nas formações de milicianos de choque e seguira vários períodos de treino militar. Foram organizadas, por diversas vezes, revistas e manobras militares. As manobras que se desenrolaram na aldeia de Hong Viet, em Julho de 1943, pugaram em acção mais de mil homens, entre os quais milicianos, quadros

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

da Liga Viet Minh à escala comunal e elementos de confiança das organizações para a salvação nacional. Visava-se, desta forma, ensinar os quadros a comandar e a empreender o treino dos destacamentos de milicianos de choque. Por outro lado, estas manifestações de força acabavam por dar confiança às massas revolucionárias, ajudavam a conquistar os elementos indecisos e intimidavam os reaccionários locais. Mas um tal método expunha-nos facilmente ao risco de descobrir as nossas forças, desvendar os nossos segredos e provocar a repressom.

Havia também a preocupação de armazenar víveres. Cada distrito tinha os seus celeiros de arroz e milho, com vista à insurreiçom. Os camponeses cavavam abrigos no mais profundo da floresta; faziam queimadas para secar e endurecer a terra, revestiam os buracos de madeira e instalavam fâ estacas de bambu; a umha dada altura fechavam a cofragem com pranchas e estacas e recobriam todo de terra. As compras de armas tinham tomado as proporçons de um movimento de massas. Cada família procurava, por todos os meios, comprar armas de contrabando aos soldados das forças de Chang Kai-Chek, em risco de vender arroz ou um búfalo para as pagar. Em diversos locais, ins-talárom-se forjas para reparar as espingardas de pederneira, as carabinas de caça e fabricar armas brancas, catanas, sabres, punhais, etc... Os nossos compatriotas correspondiam magnificamente e em massa às colectas de ferro, de cobre, de socos de charrua, de bacias e pratos de cobre, ferragens, etc...

Os colonialistas franceses, vendidos de momento aos fascistas japoneses, punham em açom todos os meios de que dispunham, na esperança de sufocar no ovo a insurreiçom armada. Eles conduziam a par umha repressom feroz e manobras demagógicas: a cenoura e o chicote. Procuravam, em primeiro lugar, liquidar as nossas organizações de base e cortar as vias de abastecimento dos quadros clandestinos. A seguir, desencadeavam operações militares para deitar a mao aos P.C. secretos do Viet Minh.

Eu acabava de abandonar o camarada Chu Van Tran, na regiom limítrofe de Cho Chu e Cho Don, para voltar a Cao Bang. A meio caminho, perto da cabeça de cantom de Bac Can, tive ensejo de constatar as primeiras manifestaçons deste terror branco. Chegado a Na Lum, aldeia isolada no cume do monte Phia Booc, cujo nome significa "arrozal abandonado", recebi umha carta do camarada Duc Xuan, chefe do Destacamento de Propaganda de assalto da "marcha para o Sul", assinalando-me um avanço do movimento e propondo-me vir participar num comício no vale. Duc Xuan era um excelente propagandista, muito activo e valente, que compunha belas cançons populares. Eu já chegara a umha aldeia, no sopé da montanha, quando soubem que o inimigo tinha enviado tropas contra a nossa base, perto de Phu Thông. Por falta de vigilância, o camarada Duc Xuan tinha sido surpreendido e abatido em plena reuniom. O inimigo tinha-lhe cortado a cabeça e os braços para os expor no mercado.

A nossa estrada encontrava-se cortada, portanto a populaçom estava em pánico.

Dei meia volta e, através de pistas que atravessavam a cadeia de Phia Booc, alcancei Cao Bang. Também aí o inimigo intensificava a repressom. Interessava-se particularmente polas regions onde se tinham desenrolado grandes manobras militares.

O P.C. do Comité interprovincial, que se encontrava no vale de Lam Son, tinha sido cercado pola tropa diversas vezes. Um dia, o inimigo abriu um fogo nutrido de morteiros sobre a sede do jornal Viet Nam Independente, mas sem qualquer resultado. Aliás, os atiradores que enviavam contra nós pouco brilhavam pola coragem. Bastava que um dos rapazes do P. C. gritasse: "Ao assalto!" para os fazer dar às pernas a grande velocidade.

De resto, o inimigo experimentava a astúcia. Colava proclamaçons, juntava a populaçom e recomendava-lhe que tratasse tranquilamente das suas ocupaçons, sem se deixar influenciar polos "rebeldes Viet Minh". O mesmo inimigo declarava que garantia a todos os que se tinham aliado à resistência a liberdade de voltar para casa e convidava os quadros clandestinos a passar para o serviço do "Governo". Resultado: um fiasco completo! Nengum dos nossos caiu na armadilha: os nossos partidários tinham sido preparados para essa

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

eventualidade.

Perante estes reveses, eles prosseguírom a repressom. Reforçaram a sua rede de denunciantes, instalaram torres de vigia nos pontos nevrálgicos e nas localidades mais revolucionárias. Criaram novos "Bang ta" (notáveis das minorias), aumentaram os efectivos da guarda indígena e organizaram tropas francas móveis. Procuravam e prendiam os quadros revolucionários, incluindo os próprios pais. Toda a família que possuía quadros entre os seus membros ou que era suspeita de manter relações com os resistentes arriscava-se a ver a sua casa incendiada e os seus bens confiscados. Em muitas localidades, os celeiros onde se ocultavam os víveres fôrom descobertos e incendiados. Numerosas aldeias fôrom arrasadas implacavelmente. Quem quer que fosse encontrado na posse de documentos Viet Minh era imediatamente passado polas armas, decapitado e mutilado, com a cabeça e os braços expostos no mercado. A cabeça dos nossos militantes estava a prémio. A menos cara valia 1.000 piastras e umha tonelada de sal; algumas eram cotadas até 20.000, mesmo 30.000 piastras.

Tirando a experiência do terror branco em Bac Son e Vu Nhai, o inimigo deu ordem de concentrar as aldeias. Todos os habitantes de povoados de menos de vinte casas recebêrom ordem de se reagrupar em pontos determinados. As casas eram desmanteladas. Quantas vezes, do alto da montanha, com o coração oprimido, fomos as testemunhas impotentes dos incêndios que destruíam, no vale, as casas dos nossos camaradas. De umha ponta à outra da zona de Cao-Bac-Lang, só havia ruína e desolaçom.

Nos novos centros de concentraçom, a populaçom levava umha vida das mais miseráveis. Toda a aldeia importante devia ser cercada por umha tripla barreira de bambus e assegurar a vigilância nocturna. O controlo de identidade tinha lugar todos os dias. Recolher das 6 da tarde às 6 da manhã. Proibiçom absoluta de trazer arroz para fora da aldeia. Alguns camponeses foram fusilados no próprio local, polo simples facto de transportarem um sacco de rebentos de arroz para acautelarem as sementeiras, ou por levarem um cesto de arroz para o mercado.

Alguns agentes infiltrárom-se nas nossas fileiras. Nom se passava um único dia sem que a tropa fizesse irrupçom nas aldeias para massacrar, pilhar, incendiar, obrigar a populaçom a executar tarefas forçadas ou a assinar papéis polos quais se comprometia a nom voltar a seguir o Viet Minh.

Perante esta situaçom, o Comité interprovincial do Cao Bac Lang decidiu mobilizar as massas para reagir. As células do Partido, os Comités Viet Minh de aldeia, deviam organizar o seu "comité de assalto antiterrorista" com os membros do Partido e os melhores elementos das Organizaçoms para a Salvaçom Nacional. Paralelamente, reforçamos as medidas contra as infiltraçoms de reaccionários nas organizaçoms patrióticas. A populaçom nom se deixava abater. Todas as vezes que a tropa entrava na aldeia para a saquear, os nossos jovens militantes, rapazes e raparigas, espalhavam-se polas casas para levantar o moral das pessoas. No entanto, as atrocidades do inimigo nom deixárom de provocar localmente algumas flutuaçoms. Houvo aldeias onde a populaçom propujo suspender as actividades da Liga. Noutra parte, uns cinquenta rapazes e raparigas refugiárom-se nas florestas.

O comité interprovincial do Cao-Bac-Lang forneceu directivas aos quadros que viviam ainda na legalidade: reforçar a vigilância para nom cair nas maos do inimigo, preparar-se para passar à clandestinidade, nom dormir à noite em casa; durante o dia, fazer-se acompanhar polos guardas de corpo, ter à mao um vasto "stock" de víveres para dous ou três meses, conservar o contacto com os responsáveis para poder passar à clandestinidade em caso de alerta. O número dos clandestinos aumentava rapidamente. O Comité interprovincial decidiu organizá-los em "núcleos clandestinos", encarregados de manter o movimento. Cada "núcleo clandestino" agrupava os camaradas de umha ou duas comunas, na sua maior parte membros do Partido que tinham tido de fugir de casa para se esconder nas florestas. Tinha o seu P.C. Numha pequena cabana insignificante -algumas esteiras de bambu para dormir, um tecto de ervas secas ou folhas de bananeira- no alto da montanha, em plena selva. A vereda que levava ao meu P.C. seguia o leito de um ribeiro que descia em cascatas:

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

impossível passar sem ser com a corrente, o que apresentava a vantagem de apagar qualquer vestígio; mas cada vez que chegávamos à cabana estávamos encharcados.

Um "núcleo clandestino" agrupava, em geral, quatro a cinco pessoas, por vezes mesmo dez, que viviam de acordo com uma estrita disciplina. O emprego do tempo seguia um programa rigoroso, repartido entre a agitação de massas, o estudo político e o treino militar. O dia era consagrado aos estudos e aos trabalhos agrícolas. Comia-se cedo, por volta das três ou quatro horas da tarde. Ao cair da noite, os clandestinos safam da selva. Tinham uma palavra de passe ou um grito combinado para se fazerem reconhecer pelos membros do Partido ou pelos elementos de confiança das nossas organizações que, com desprezo da própria vida, lhes vinham trazer víveres, fazer o ponto da situação e pedir directivas para travar a repressão, que incidia sobre esta ou aquela localidade, este ou aquele lugarejo. Pela noite adiante, eles dormiam algumas horas ao ar livre, quando o tempo o permitia. Ao alvorecer, retomavam o caminho do P.C. Para não causar aborrecimentos à localidade, era necessário atingir a selva a todo o custo, antes que a bruma matinal se levantasse. Esta vida, cheia de perigos e privações, esta vontade tenaz de permanecer em contacto com as organizações de base da população insuflou uma poderosa combatividade às massas revolucionárias.

O inimigo via bem a impossibilidade de cortar a ligação entre o Partido e as massas, entre os núcleos clandestinos e os povoados. Intensificava a repressão, implantando postos por toda a parte; cercava os maciços montanhosos e penetrava na selva, impelindo diante das suas colunas a população civil dos vales. De noite, enviava patrulhas armar emboscadas na confluência dos rios. Em pleno Verao, algumas patrulhas não hesitaram em incendiar florestas suspeitas. Um dia, pouco nos faltou para sermos queimados vivos: um abrigo, perto de um riacho, tinha sido descoberto. Vários P.C. de núcleos clandestinos foram cercados subitamente. A região de Bac Can era visada particularmente. Aconteceu-me ficar bloqueado, com o camarada Hoang Sam e dois militantes locais, três dias seguidos, no cume de uma montanha, no canteiro Hoang Hoa Tham. Ficamos reduzidos a recolher a água dos bambus e a seiva de certas lianas para fazer o nosso arroz. Mas tivemos mais sorte que muitos dos nossos camaradas que caíram sob os golpes da repressão. Todas as vezes que o inimigo descobria um P.C. clandestino arrasava as aldeias das proximidades. No canteiro Hoang Hoa Tham, onde o movimento se desenvolvera poderosamente, dois terços da população tinham abandonado as aldeias para se refugiarem na selva.

Registava-se um recuo provisório do movimento das massas. Evidentemente que o sentimento não mudara, mas as pessoas estavam tão aterrorizadas que chegavam a dizer: "No dia da insurreição, nós devemos levantar-nos para esmagar o inimigo, mas, até lá, não contem conosco. Basta contactar um clandestino para fazer arrasar a aldeia toda". Mas se as nossas bases nas massas se desmoronavam, como poderíamos alguma vez desencadear a insurreição?

Era necessário manter, a todo o custo, as nossas organizações nas massas. Foi isso que explicamos em todas as células do Partido, a todos os quadros e militantes de base. Fossem quais fossem as dificuldades, devíamos manter a ligação com as massas. A repressão devia dar azo a seleccionar os elementos de confiança.

Após a reunião, os quadros dos núcleos clandestinos partiam, cada um para o seu sector, com um fardo de arroz. Eles tomavam contacto com a população a caminho do mercado ou nos campos. Davam-lhe a conhecer as vitórias da U.R.S.S. e dos Aliados, a subida impetuosa da revolução no delta, explicavam que a repressão seria impotente e traçavam planos com as pessoas para prosseguir as actividades da Liga. Na reunião seguinte, começávamos por fazer a chamada: havia fortes possibilidades de se registar uma ausência, se não mais. Em geral, os que faltavam nos prazos previstos tinham caído no exercício da sua missão.

Em certas regiões, tínhamos de nos contentar, durante meses, com milho ou farinha de arroz; noutras, desenterravam-se tubérculos para substituir o arroz. No meu sector, comemos, durante meses, arroz com folhas de bananeira selvagem. Púnhamo-las a cozer em água salgada até que desaparecesse todo o vestígio de um sumo negro e viscoso,

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

particularmente acre: mesmo assim, queimava-nos o estômago. Com um tal regime, quase não tínhamos força sequer para galgar as encostas das montanhas e as nossas pernas tremiam.

5. No sentido da luta armada

Se os ataques lançados pelo inimigo tinham reduzido as nossas bases, por outro lado tinham-lhes dada têmpera. Algum tempo depois, em várias regiões, o movimento reavivou-se e começou a orientar-se para a luta armada. O Comité interprovincial do Cao-Bac-Lang deu, aos núcleos clandestinos, ordem para se "militarizarem", isto é, para se proverem de armas e munições, e intensificarem o treino militar; as actividades militares deviam emparceirar com as actividades políticas. Os núcleos clandestinos receberam, portanto, a ordem de "viver como guerrilheiros", isto é, em alerta permanente, as bagagens ao alcance da mão, prontos a partir ao primeiro sinal.

Os distritos formavam destacamentos armados de sete a doze combatentes, livres de qualquer trabalho de produção e, onde as condições o permitiam, formavam uma secção. Estas unidades regionais encarregavam-se da propaganda armada, executavam os reaccionários mais perigosos, teciam emboscadas às patrulhas para conservarem o controlo das montanhas e das florestas. Entretanto, para evitar represálias à população, o seu campo de actividade mantinha-se afastado o mais possível das organizações de base e, por esse simples facto, achava-se muito limitada.

A nossa "estrada para o Sul" fora cortada em diversos pontos. Nós enviávamos grupo de assalto sobre grupo de assalto para os sectores ameaçados, a fim de apoiar a população local e manter as nossas organizações de base, mas sem obter senão resultados parciais. No princípio de 1944, a ligação com o delta tornou-se uma necessidade imperiosa. Por ordem do Partido, reagrupamos vários destacamentos armados locais para formar a Secção da "Marcha para o Sul". Foi decidido avançar no mais absoluto segredo, através da seiva, para restabelecer a ligação com as nossas organizações de base no sopé do monte Phia Booc.

No nosso caminho, várias aldeias tinham sido arrasadas. A vigilância, nos povoados controlados pelos postos, era das mais severas. A partir de Kim Ma, a nossa secção tomou a direcção do Sul, marchando de noite, descansando durante o dia. O avanço era penoso. Chovia sem tréguas. As águas faziam transbordar os ribeiros, que inundavam os caminhos. Encharcados até aos ossos, detínhamo-nos por vezes nas grutas, onde acendíamos um pequeno lume para nos aquecermos e secar as roupas. Depois, a marcha retomava. Por volta das sete ou oito horas da manhã, procurávamos um local bem abrigado, onde repousávamos das nossas fadigas, estendidos sobre folhas de latânia. Algumas vezes, para atingir uma das bases, tínhamos de caminhar durante duas ou três noites ininterruptamente, através de aldeias inteiramente controladas por reaccionários, onde a única pista a seguir passava nas proximidades dos postos de guarda. Avançávamos então com precaução, evitando o menor ruído, o chapinhar de um passo na lama, o choque de um pau numa pedra.

Após oito ou nove dias de marcha, ultrapassamos Cho Ra e atingimos o ponto de contacto. Junto do monte Phia Booc. Um certo número de militantes que acompanhavam a secção armada tinham trazido uma pedra litográfica, papel e tinta, para fazer aparecer um jornal ali mesmo, depois da tomada de contacto com as organizações de base e depois de consolidado o movimento na região e estabelecido o P.C. Se bem que arrasados pela fadiga, ardíamos de entusiasmo; em lugar de repousar, começamos a abater árvores para construir as cabanas; por essa altura, encarreguei o camarada Thank Quang, cuja família se encontrava em Cho Ra, de ir contactar as organizações de maior confiança da região. Voltou à noite, com tristes notícias; nas aldeias em redor, todas as organizações tinham sido desmanteladas e incendiadas numerosas casas de militantes. A população prevenira-o para que se acautelasse, desenrojava-se uma grande busca e os atiradores batiam a floresta. Estabelecemos quartos de sentinela à volta do acampamento provisório e, após umas horas

Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006

www.primeiralinha.org

de sono, retomamos o caminho para Cao Bang. Como não prevíamos a eventualidade de um recuo, tivemos de nos contentar com sopa de arroz no caminho da volta. No fim da viagem, todos nós caímos doentes.

Esta grande campanha de repressão causou-nos muitas dificuldades, mas as provações temperaram os militantes e as massas e inculcaram-lhes um espírito de sacrifício muito desenvolvido. Ora essa era precisamente uma das condições essenciais da insurreiçom.

No mês de Junho de 1944, o terror branco desencadeado pelos franceses atingiu o paroxismo. Todos os dias se ouvia o eco da fusilaria. O povo esperava com impaciência os primeiros tiros da revolução. Toda a região do Cao-Bac-Lang não passava de um barril de pólvora prestes a explodir.

No mesmo momento, no plano internacional, o fascismo caminhava para a derrota. Na Europa, após Estalinegrado e a contra-ofensiva geral do Exército soviético, os Aliados tinham aberto a segunda Frente. No Pacífico, a iniciativa das operações tinha escapado das mãos dos japoneses, cujas bases navais mais importantes no ultramar caíam umas após outras.

No princípio de Julho de 1944 deu-se a queda do Governo de Pétain. De Gaulle reentrava em França na esteira das tropas anglo-americanas e formava o novo Governo. Na Indochina, esta evolução da situação acabou de cavar as contradições entre fascistas japoneses e colonialistas franceses. Impunha-se a perspectiva de um golpe de força nipónico.

O movimento revolucionário ganhava terreno por todo o país. A organização da Liga Viet-Minh alarga-se de dia para dia. A opinião pressentia e desejava uma grande convulsão.

Cerca do fim de Julho de 1944, o Comité interprovincial de Cao-Bac-Lang convocou uma conferência de quadros a fim de discutir o problema da insurreiçom armada. Todos os responsáveis do Sector estavam presentes. Ao passar em revista os nossos efectivos, podíamos constatar que os esforços dos imperialistas não tinham sido muito eficazes: todos os nossos dirigentes tinham podido escapar ao terror branco.

A conferência desenrolou-se numa vasta gruta, em plena selva. A sala de reuniões tinha sido arranjada com cuidado: arco de triunfo, grande mastro para a bandeira, filas de mesas para as delegações, camarata e refeitório. Em redor, à passagem de cada garganta do caminho, tinha-se disposto uma triplíce rede de sentinelas; ao lado dos militantes Man Locais, alguns destacamentos armados tinham vindo dos distritos para reforçar o dispositivo de segurança. Após meses de uma luta encarniçada, meses passados a roçar pela morte, encontrámo-nos, enfim, reunidos para debater o problema que mais profundamente nos tocava. Pode calcular-se a nossa alegria. Nela se misturava um pouco de orgulho, orgulho pelo nosso povo e pelo nosso Partido; era de toda a evidência que a repressão nunca poderia bater a revolução.

O relatório político apresentado à conferência achava que "a conjuntura nacional e internacional e a situação do movimento no Cao-Bac-Lang tinham criado as condições para o desencadeamento da guerrilha nas três províncias".

As discussões que se seguiram chegaram rapidamente à resolução de fazer eclodir a insurreiçom o mais cedo possível, para corresponder à tensão criada pelo "terror branco". Todos os delegados aclamaram esta decisão.

No dia seguinte, a conferência discutiu o sentido da palavra "insurreiçom" e decidiu substituí-lo por "desencadeamento da guerrilha", a fim de evitar equívocos na interpretação. Foi fixado um prazo para ultimar todos os preparativos.

Segundo o plano do Comité interprovincial, todas as regiões deviam pôr de pé uma nova promoção de chefes de destacamentos e de comissários políticos para atingir o montante previsto. Por outro lado, importava formar um certo número de quadros de reserva: todos os militantes clandestinos dos dois sexos, se a saúde lho permitia, deviam fazer um estágio

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

para esse efeito. Incumbia ao Comité interprovincial organizar cursos de formação de chefes de secções e de comandantes de companhia.

Abrimos, de urgência, nas regiões sob o nosso controlo, cursos políticos em intenção dos militantes locais. Estes militantes eram escolhidos entre os elementos mais seguros e estimados da população. Preparámo-los tanto para a guerrilha contra os japoneses como para a administração, a fim de que, no momento preciso, eles instaurassem o poder popular provisório.

As diversas localidades deviam aplicar o plano do Comité interprovincial para o recrutamento dos militantes de choque nas unidades de guerrilheiros. Estes homens repartiam-se em dois grupos: o primeiro, recrutado imediatamente ao momento da eclosão da guerrilha, enquanto que o outro constituiria o corpo da reserva. Divididos em grupos e secções, recebiam um treino acelerado e deviam conservar-se prestes a entrar em campanha de um momento para o outro.

Era preciso, urgentemente, comprar e fabricar mais armamento, granadas em primeiro lugar. Cada espingarda de repetição devia conter cinquenta cargas. As reservas de víveres, das quais uma parte composta de alimentos secos, deviam permitir resistir durante seis meses, para passar o período intercalar entre a apanha de arroz do ano em curso e a de milho do ano seguinte.

Os Comités de distrito deviam reorganizar a rede clandestina de ligação, os serviços de batedores, e ensinar à população algumas noções sobre o trabalho de informações.

Desde há muito tempo que nós ensinámos a população a criar o vácuo face ao inimigo e, em diversas localidades, tinham-se cavado silos para esconder os rebentos do arroz. Só nos faltava generalizar esta prática em todos os cantões, para bem acautelar as reservas de víveres. No que diz respeito à evacuação da população, insistíamos neste princípio: enquadrar e organizar sempre os evacuados de forma a que podam, ao mesmo tempo, prosseguir os trabalhos agrícolas e dar uma ajuda eficaz na frente.

A fim de estimular o movimento e preparar o desencadear da guerrilha, foi dada ordem aos destacamentos armados para repelir todos os ataques e garantirem-nos assim o controlo das florestas e das montanhas.

Todos os quadros e membros do Partido se lançaram desvairadamente nestes preparativos, desenvolvendo uma actividade intensa mas silenciosa, característica de toda a actividade clandestina. Viam-se velhas vender quase todo o que possuíam para comprar armas para os filhos. Em diversos distritos, velhos adoptaram resoluções intimidando os jovens dos dois sexos a alistarem-se no exército, ao primeiro apelo de mobilização. O povo vivia na esperança e na ansia febril das vésperas da insurreiçom.

Os nossos quadros organizavam reuniões públicas para explicar à população que o desencadear da guerrilha não implicava forçosamente numa vitória fulminante, que era preciso contar com sacrifícios e, localmente, com alguns reveses de momento. Depois da eclosão da guerrilha, esperavam-nos muitos perigos e provocações. Todo este trabalho de explicação foi muito bem conduzido.

Setembro de 1944!

Terminava a colheita.

O plano dos preparativos tinha-se cumprido em grande parte. Já tínhamos aberto fogo em várias localidades. A atmosfera era de tensão. Todos aguardavam...

6. O destacamento de propaganda do Exército de Libertação do Vietname

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

Para decidir a hora da insurreiçom, o Comité interprovincial projectava organizar umha última conferência. Foi nessa altura que nos chegou a noticia da volta iminente do Tio Ho, que conseguiu sair das prisons do Kuomintang.

Ao chegar a Pac-Bo, ele escutou o relatório sobre a situaçom e a resoluçom sobre o desencadeamento da guerrilha e, a seguir, reuniu os quadros responsáveis para analisar a situaçom. Sublinhou que a resoluçom adoptada incidia unicamente sobre a situaçom do Cao-Bac-Lange, nom sobre o país no seu conjunto; por outras palavras, ocupávamo-nos com umha parte, abstraindo do todo. Em tais condiçoms, fazer eclodir a guerrilha em larga escala nas perspectivas da resoluçom do Comité interprovincial, era ir, fatalmente, ao encontro das grandes dificuldades. No país interior, mais nenguma regiom reunia as condiçoms requeridas para nos apoiar: o inimigo poderia reagrupar todos os efectivos contra nós. Do ponto de vista militar, a resoluçom nom correspondia ao principio da concentraçom das forças: os quadros e o armamento estavam dispersos, faltava umha força de base.

O Tio Ho considerou que mesmo que a etapa do desenvolvimento pacífico tivesse sido ultrapassada, nom tínhamos por esse facto chegado à fase da insurreiçom geral. Limitarmos a actividades puramente políticas já nom bastaria para fazer progredir o movimento; mas desencadear imediatamente a insurreiçom seria colocarmo-nos numha situaçom embaraçosa. Era necessário, portanto, passar do campo político para a luita armada, deixando, no imediato, a açom política ter ainda a precedência sobre a luita armada.

Era necessário encontrar umha fórmula apropriada para dar novo estímulo ao movimento e foi no decurso dessa reuniom que o Presidente preconizou a criaçom do "Destacamento de propaganda do Exército e Libertaçom" que nom devia passar, de momento, de umha formaçom. Ele tinha por missom mobilizar e chamar o povo ao combate. Mas, para começar, devia ligar maior importância ao trabalho político que à luita armada, tendo a missom de propaganda a primazia sobre o combate propriamente dito.

Esta análise da situaçom convenceu-nos a todos, e o novo programa foi aprovado por unanimidade. Foi assim que nasceu o Destacamento de Propaganda do Exército de Libertaçom do Vietname.

Segundo o método de trabalho que lhe era caro, o Tio Ho orien-tou-nos na elaboraçom das medidas a aplicar: organizaçom do Destacamento para composiçom, recrutamento, abastecimento em armas e víveres, futuras relaçoms com as autoridades e as populaçoms locais.

Passámos, em seguida, um dia inteiro a elaborar o projecto do plano. Pola noite adiante, continuaríamos a debater os nossos pontos de vista. Já sobre a tarde, o Tio Ho ainda pesava os prós e os contras. Na manhã do dia seguinte, o projecto era submetido à colectividade.

Para desencadear a luita armada, segundo a nova orientaçom, o Tio Ho insistiu particularmente em dous pontos:

- Actuar rápida e resolutamente: um mês após a formaçom do destacamento, este devia ter no seu activo alguns sucessos militares; o primeiro combate devia ser obrigatoriamente umha vitória.
- Em campanha, assegurar boas relaçoms entre o destacamento regular e os destacamentos locais, entre o exército e a populaçom. Manter em permanência a ligaçom com o organismo dirigente.

Além disto, o Presidente ligava extrema importância aos principios da clandestinidade. íamos encetar o caminho que ele nos recomendava ainda:

"Nom sejam subjectivos, nom revelem as vossas forças, actuem em segredo, um absoluto segredo. Que o inimigo ignore todo sobre vós. Que ele vos julgue fraco quando sodes fortes. Que de nada suspeite mesmo na véspera de lançarem o ataque."

**Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
"Nascimento de um Exército" / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006**

www.primeiralinha.org

Foi com o coração transbordante de confiança que voltamos ao Comité interprovincial. As ordens fôrom aplicadas com celeridade. Os quadros e o armamento fôrom reunidos imediatamente. O destacamento compreendia, à data da formaçom, trinta e quatro combatentes escolhidos entre os chefes de secçons, chefes de grupos e soldados de elite e que se tivessem distinguido pola sua coragem nos destacamentos armados regionais ou nos grupos de milicianos de choque. A unidade tinha sido também reforçada por alguns quadros que acabavam de terminar os seus estudos militares na China. A partir de entom passavam a existir no Cao-Bac-Lang três tipos de formaçom armados: o destacamento de propaganda constituía o elemento de choque, em volta do qual se agrupavam os destacamentos armados regionais e, depois, os destacamentos de autodefesa paramilitares. Ainda que à escala de guerrilha, estas formaçons actuassem, todavia, em estreita coordenaçom. Recordo-me nitidamente desta característica: foi para mim umha cousa completamente nova que me impressionou muito.

Na véspera da formaçom do Destacamento, recebi as directivas do Tio Ho, transcritas num pedacinho de papel, escondido num maço de cigarros. dous dias depois, o Destacamento de Propaganda começava a aplicá-las, alcançando as suas duas primeiras vitórias em Phay Khat e Na Ngan. O Viet Lap publicou imediatamente o respectivo comunicado. Ao mesmo tempo, o Comité interprovincial lançava um apelo à populaçom, convidando-a a intensificar o seu auxílio ao exército. A influência do Departamento aumentava. Os elementos indecisos começaram a juntar-se-nos. Os traidores começaram a tremer e o inimigo moderou o seu ardor na caça aos militantes. Numerosas organizaçons de base foram postas em actividade e vinhêrom aumentar rapidamente os seus efectivos. O movimento subia. A populaçom trazia ao exército cabazes repletos de formas de cereal e bolas de arroz. Em certos sítios, chegavam a oferecer-nos búfalos, bois e porcos. Assistiu-se ao aparecimento de poemas T. T..., do arroz T. T das caixas T. T... para a compra de armas... (T. T. som as iniciais das palavras vietnamitas "Tuyên Truỳn" -propaganda-, com as quais se designava o Departamento).

Um poderoso movimento de partida para a libertaçom ia-se apoderando da juventude, que aumentava rapidamente as nossas fileiras.

De Phay Khat, Ma Ngan, o Destacamento de Propaganda do Exército de Libertaçom do Vietnam marchou directamente sobre a zona Thien Thuat, a fim de se constituir em companhia. Os nossos recrutados, chegados das pequenas unidades regionais, chegaram muito depressa ao centro da convocaçom. Em diversos sítios, os destacamentos locais já tinham os efectivos de umha secçom. Umha parte das armas tomadas ao inimigo foi-lhes distribuída, o que muito agradou à tropa. (Nessa época, dous ou três mosquetes bastavam para despertar o entusiasmo dos combatentes). Todos se preparavam febrilmente, em todos os sectores, para novos combates e reclamava-se o envio de tropas regulares.

Depois de nos termos constituído em companhias, deixamos umha parte dos nossos efectivos em Kim Ma, Tinh Tuc e Phia Mac para a propaganda armada, enquanto o grosso das tropas, para desorientar o inimigo, subia em direcçom da regiom de Dong Mu-Bao-Loc, na fronteira sino-vietnamita. Assim que chegamos ao sector, dirigimo-nos, em absoluto segredo, à regiom limítrofe das províncias de Cao Bang e Bac Can. Nós pensávamos dirigirmo-nos para o Sul, tam depressa o movimento consolidasse. Polo caminho, a populaçom reservava-nos um acolhimento extremamente caloroso. Em certos sítios, ainda que à escassa distância de dous ou três quilómetros do posto, acendiam tochas para vir ao nosso encontro. Estávamos quase na época de Têt. Em certas localidades, a juventude preparara um autêntico festim, colocara mesas e cadeiras nas bermas da estrada e tinha esperado umha noite inteira para nos festejar. No cantom de Houg Hoa Tham, por exemplo, éramos aguardados na floresta por um autêntico acampamento de palhotas, bastante vasto para alojar toda a companhia, com um campo de treino e umha importante reserva de árvores.

Apesar da sua extrema penúria, a populaçom ajudava sem limites o exército da revoluçom. Durante os três dias de Têt, jovens e velhos abandonavam os seus lares para passar a festa

Biblioteca Marxista em Galego / Primeira Linha em Rede /
Vo Nguyen Giap:
“Nascimento de um Exército” / 1ª edição digital em galego-português de
Abril de 2006

www.primeiralinha.org

connosco. Quando hoje penso nisso, ainda pergunto a mim próprio qual a forma de pagar a dívida que, na altura, contraímos com o povo.

Foi nessa época que os grupos de assalto restabelecêrom as nossas linhas de ligação com Thai Neguyon, cortadas pola repressom. Prossequimos preparativos intensos para marchar para o Sul. Os camaradas Tong e Vu Anh juntárom-se a nós na floresta Tran Hung Dao, para fazer umha visita à tropa e elaborar um plano de marcha para o Sul. Mal nos deixaram, rebentou o golpe de força de 9 de Março. A situação evoluía favoravelmente. O Destacamento de propaganda do Exército de Libertação do Vietname abandonou as matas para umha marcha, em pleno dia, no vale de Kim Ula. Em cada aldeia, a população, em delírio, tinha arvorado bandeiras vermelhas com a estrela dourada. Sempre me recordarei do espectáculo que entom se ofereceu aos nossos olhos. Todas estas bandeiras vermelhas que tornavam o céu mais vasto e mais azul. Os homens e a natureza como que desabrochados, transfigurados. As primeiras lufadas de independência que nos embriagavam.

Seguidamente, o grosso da companhia dirigiu-se para o Sul, estabelecendo à sua passagem o poder revolucionário, desarmando as guarniçoms inimigas e levantando novas unidades.

No Cao-Bac-Lang, a direcção do Partido fornecera a tempo as directivas para a formação do poder popular no campo, o desencadear da guerrilha, e o alistamento de novos recrutas. No dia imediato ao do golpe de força japonês, foram constituídas umhas vinte novas companhias do Exército de Libertação. Abríamos, por toda a parte, agências de recrutamento. Perto de Nuoc Hai, alistárom-se voluntariamente mais de três mil jovens. Em toda a região do Cao-Bac-Lang os campos formavam umha vasta zona livre.

Nesse preciso momento, no centro Bac Son-Vu-Nhai, as tropas da Salvação Nacional revoltárom-se também, inauguravam a guerrilha, instauravam o poder popular e aumentavam os efectivos. Algum tempo depois, as tropas da Salvação Nacional e o Exército da Libertação operavam a respectiva junção. A Conferência Militar de Tonquim, realizada na Hieh Hoa, decidia a unificação de todas as forças armadas revolucionárias, sob a designação de "Exército de Libertação do Vietname". A zona libertada foi formada depois, englobando as províncias de Cao Bang, Bac Can, Long Son, Ha Giang, Thai Nguyen, Tuyen Quang e umha parte das províncias de Bac Giang e Vinh Yen.

A situação evoluía rapidamente. O movimento contra os japoneses, pola Salvação Nacional, subia como umha maré alta. O Congresso nacional do Partido e o Congresso dos Delegados da nação cedo se passárom a reunir em Tan Trao. Entrementes, ocorreu a capitulação do Japom. Rebentou a revolução de Agosto. A República Democrática do Vietname nasceu, enfim!

Relato recolhido por Tran Cu.